

ANÁLISE DO TEXTO *O SONÂMBULO*

Carlos Alberto Gonçalves Lopes (UNEB/ABF)

RESUMO

Pretende-se aqui fazer uma análise aplicativa dos princípios fundamentais da Lingüística Textual em uma produção narrativa, com o propósito de elucidar tais princípios comumente mencionados em manuais teóricos dessa disciplina mas nem sempre bem compreendidos.

Palavras-chave: Lingüística Textual; Expressão Escrita; Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por propósito realizar uma breve análise do texto *O Sonâmbulo*, inserido no livro *Flor do Lácio*, de Cleófano Lopes de Oliveira. Não se trata, todavia, de uma análise exaustiva, mas sim de uma análise ligeira, para mostrar como se aplicam as categorias textuais estudadas por nós nas aulas de Lingüística Textual, tais como a coesão, a coerência e os contextualizadores.

Limitamo-nos a fazer uma análise meramente lingüística, sem entrar em questões de estilística, de análise literária, de exegese ou de crítica textual. Para tanto elegemos uma metodologia específica pautada na teoria proposta por FÁVERO (1989) que, por sua vez, segue, com algumas restrições, a vertente lingüística alemã de BE-AUGRANDE & DRESSLER.

TRANSCRIÇÃO DO TEXTO

O Sonâmbulo

1 Certo indivíduo, conhecido como vivedor, aboletou-se, no caminho de sua
2 vida, no solar dum homem bonacheirão e abastado, que lhe abriera as portas para
3 um descanso ligeiro. Nos primeiros dias, o dono suportou galhardamente o
4 hóspede, oferecendo-lhe o melhor trato, fornecendo-lhe a melhor cama, o melhor
5 vinho, os melhores charutos. Passada, porém, a primeira quinzena, começou a
6 pensar em um meio, que não fosse grosseiro, de livrar-se do importuno, e achou
7 o. Tinham os dois acabado de almoçar e repousavam, lendo jornais e fumando
8 “havanás”, à sombra das árvores. De repente, o hospedeiro recosta-se pesadamente
9 na cadeira, cerra os olhos, deixa cair a folha e o charuto, simulando um sono
10 profundo. E, como em sonho, principia a falar: “Vejam só: que maçada! Esse
11 cavalheiro vem, aloja-se em minha casa, come, bebe, fuma, diverte-se, e nada de

12 entender que sua presença já me está sendo desagradável! Será possível que ele
13 não compreenda isso?” – E, soltando um suspiro, pulou da cadeira, esfregando
14 os olhos: “Que diabo! É eu dormir depois do almoço, vêm-me logo os
15 pesadelos. E que sonho mau tive eu! Parece até que falei alto, não?” – E o
16 outro, que de cenho cerrado, prestava atenção a tudo: “É exato; você esteve por
17 aí falando; e eu, como vi que se tratava de cousas de sonho, procurei não ouvir
18 para não ser indiscreto. As palavras dos homens só têm valor, mesmo, quando
19 eles as proferem acordados”. – E o hóspede continuou na casa por mais três anos
20 e quatro meses, isto é, até a transferência da propriedade, comendo do melhor
21 prato, dormindo na melhor cama, bebendo do melhor vinho, fumando os
22 melhores charutos.

Humberto Campos

ANÁLISE DO TEXTO

Coesão

Abaixo seguem listados os principais mecanismos de coesão encontrados no texto, sendo que do item 1 ao item 6 estão agrupados os mecanismos coesivos referenciais; no item 7, os mecanismos coesivos recorrenciais; e do item 8 ao item 15, os mecanismos coesivos seqüenciais *stricto sensu*:

1a - Elipse do termo *ele*. (linha 5)

1b – Elipse da expressão *os dois*. (linha 7)

1c – Elipse da expressão *o hospedeiro*. (linha 9)

1d – Elipse da expressão *o seguinte*. (linha 10)

1e – Elipse do termo *ele*. (linha 11)

1f – Elipse do termo *ele*. (linha 13)

1g – Elipse da expressão *e dizendo o seguinte* (linha 14)

1h – Elipse do termo *disse*. (linha 16)

2a - *se* – elemento anafórico, referente a *certo indivíduo*. (linha 1)

2b- *lhe* – elemento anafórico, referente a *certo indivíduo*. (linha 2)

2c- *lhe* – elemento anafórico, referente a *o hóspede*. (linha 4)

2d- *se* – elemento anafórico, referente a (ele) elíptico. (linha 6)

2e- *o* – elemento anafórico, referente a *um meio*. (linha 7)

2f- **os dois** – elemento anafórico, referente a *o dono e o importuno*. (linha 7)

2g- **sua** – elemento anafórico, referente a *esse cavalheiro*. (linha 12)

2h- **ele** – elemento anafórico, referente ao *hóspede*. (linha 12)

2i- **isso** – elemento anafórico, referente a *sua presença já me está sendo desagradável*. (linha 13)

2j- **me** – elemento anafórico, referente a *eu*. (linha 14)

2k- **o outro** – elemento anafórico, referente a *esse cavalheiro*. (linhas 15-16)

2l- **a tudo** – elemento anafórico, referente à fala do hospedeiro. (linha 16)

2m- **eles** – elemento anafórico, referente a *os homens*. (linha 19)

2n- **as** – elemento anafórico, referente a *as palavras*. (linha 19)

3a - (**o seguinte**) – elemento catafórico elíptico, referente a “Vejam só: que maçada! Esse cavalheiro...” (linha 10)

3b - (**ele**) – elemento anafórico elíptico, referente a *esse cavalheiro* (linha 12)

3c - (**ele**) – elemento anafórico elíptico, referente ao *hóspede* (linha 13)

3d - (**e dizendo o seguinte**) – elemento catafórico elíptico, referente a “Que diabo! É eu dormir...” (linha 14)

3e - (**disse**) - elemento catafórico elíptico, referente à fala do hóspede. (linha 16)

4a - **vivedor** – hiperônimo, referente a *certo indivíduo*. (linha 1)

4b - **o dono** - hiperônimo, referente a *homem bonachão e abastado*. (linha 3)

4c - **o hóspede** – hiperônimo, referente a *indivíduo*. (linhas 3-4 e 19)

5a - **o hospedeiro** – expressão nominal definida, referente a *o dono*. (linha 8)

5b - (**o hospedeiro**) – expressão nominal definida elíptica, referente a *o dono*. (linha 9)

5c - **esse cavalheiro** – expressão nominal definida, referente a *o hóspede*. (linhas 10-11)

5d - **cousas de sonho** – nome genérico, referente à fala do hospedeiro. (linha 17)

6a – Definitivização de “um homem bonachão” para “o dono”. (linha 3). Predomina a presença do artigo definido no texto. Como se sabe, o artigo definido introduz o dado e cria existência à entidade referida: *o hóspede* (linha 3), *o melhor trato* (linha 4), *a melhor cama* (linha 4), *o melhor vinho* (linhas 4-5), *os melhores charutos* (linha 5), etc.

7a – Nos primeiros dias, o dono suportou galhardamente o hóspede, *oferecendo-lhe o melhor trato, fornecendo-lhe a melhor cama, o melhor vinho, os melhores charutos*. Paralelismo (linhas 4 a 5)

7b – “Esse cavalheiro vem, aloja-se em minha casa, *come, bebe, fuma...*” Paralelismo (linha 11)

7c – “E o hóspede continuou na casa por mais três anos e quatro meses (...), *comendo do melhor prato, dormindo na melhor cama, bebendo do melhor vinho, fumando os melhores charutos.*” Paralelismo (linhas 19 a 22)

8a – *Nos primeiros dias (...). Passada (...) a primeira quinzena (...)*. Seqüenciação temporal por partícula temporal. (linhas 3 a 5)

8b – *Tínhamos os dois acabado de almoçar (...). De repente (...)* Seqüenciação temporal por partícula temporal. (linhas 7-8)

9a – De repente, *o hospedeiro recosta-se pesadamente na cadeira, cerra os olhos, deixa cair a folha e o charuto, simulando um sono profundo*. Conexão por pausa (linhas 8 a 10)

9b – “Vejam só: que maçada! *Esse cavalheiro vem, aloja-se em minha casa, bebe, fuma, diverte-se (...)*”. Conexão por pausa (linhas 10-11)

10 – *e* – O texto é bastante marcado pela presença do conector lingüístico “e” que, apesar de proporcionar uma certa monotonia, direciona o texto, exprimindo conjunção: *e* achou-o (linha 6), *e* repousavam (linha 7), *e* fumando (linha 7). *E (...)* principia a falar (linha 10), *e* nada de entender (linha 11). *E*, soltando um suspiro, pulou da cadeira... (linha 13). *E* que sonho mau... (linha 15), etc.

11 – *porém* – contrajunção (linha 5)

12 – *como* – condicionalidade factual: causa / conseqüência. (linha 17)

13 – *para* – mediação (linha 18)

14 – *quando* – conexão temporal (linha 18)

15 – *que* – complementação (linhas 12 e 17)

Como se pode constatar, o texto é bastante coeso, sobressaindo a coesão referencial por substituição, que se encarrega de estabelecer a textura, a qual, segundo HALLIDAY & HASAN (1976) é o que faz um texto ser um texto.

Outrossim, não se pode deixar de destacar os elementos formais que enlaçam uma unidade na outra:

Nos primeiros dias (linha 3) conecta a oração a que pertence à anterior: é uma confirmação do mencionado naquela, no sentido de que informa a predisposição do hospedeiro em tratar bem o hóspede recém-chegado.

Passada, porém, a primeira quinzena (linha 5) estabelece uma oposição entre a oração precedente e a que inicia o período seguinte. Concretiza-se o conflito entre hóspede e hospedeiro. Este, age cinicamente; enquanto aquele, arma um estratagema para se ver livre do intruso.

Tinham os dois (linha 7) conecta a oração a que pertence com a anterior mediante o processo referencial por substituição. O numeral, por anáfora, retoma as personagens referidas no período anterior. Inicia-se aqui a aplicação do estratagema engendrado pelo hospedeiro.

De repente (linha 8) estabelece uma relação temporal mediante o processo coesivo de seqüenciação *stricto sensu* entre a oração precedente e a conseqüente. Introduce o alocutário, mediante o suspense ou insólito, nos fatos, isto é, no plano arquitetado pelo anfitrião, que descambará para o clímax.

E o outro (linhas 15-16) estabelece uma relação de oposição entre a oração que inicia o período e a antecedente, apesar da conjunção aditiva “e” estar introduzindo o período. Há aqui um contraste entre o comportamento esperado e aquele que realmente ocorre, em relação ao hóspede, o que significa dizer que o estratagema não funcionou ante o cinismo do parasita.

E o hóspede (linha 19) retoma a fala do narrador, preparando o desfecho da narrativa.

Contextualização

São contextualizadores, pertinentes ao texto objeto de nossa atenção, o título, o autor e o início, para os quais MARCUSCHI (1983: 15) dá o nome de perspectivas.

O título (*O Sonâmbulo*) é desnorteador porque prepara o leitor para uma narrativa totalmente diferente da que ele lê, criando assim falsas expectativas. Sonâmbulo é aquele que anda dormindo, quando

se constata que o texto não trata de uma pessoa assim, mas de alguém que simula um pesadelo para se livrar de um intruso.

O autor (Humberto de Campos) cria expectativas positivas. Predispondo aqueles que apreciam o seu estilo e a sua ficção a lê-lo. Por ter sido um escritor bastante popular e apreciado, o nome de Humberto de Campos já constitui um convite à leitura, para muitos.

O início da estória (Certo indivíduo...) é catafórico e, por ser expresso de forma indefinida, impulsiona o leitor para o texto a fim de identificar o “certo indivíduo”. Trata-se aqui de um início êmico cuja recuperação se dá textualmente

Coerência

O texto é coerente na medida em que tem sentido, isto é, está de acordo com a nossa visão de mundo. Ele ativa um *frame* que é o do hóspede intruso e cínico. Este, comete a gafe de se instalar na casa de um conhecido por mais de três anos.

Por parte do hospedeiro temos o *plano* traçado por ele para atingir uma meta: ver-se livre do hóspede indesejável.

Em termos de *superestrutura* temos um texto narrativo com as seguintes categorias: situação, complicação, resolução, avaliação e moral (implícita). Há um hóspede que se instala por um tempo além daquele cabível em nossa cultura, em nosso conhecimento de mundo, e até mesmo no bom senso de qualquer indivíduo. A complicação se dá com a determinação do hóspede em não dar importância à reação do hospedeiro. A resolução ocorre com a mudança do hospedeiro.

CONCLUSÃO

O texto analisado é coeso e coerente, o que evidencia ser de fato um texto, se considerarmos que a coesão apenas não constitui uma categoria suficiente para determinar a textualidade de um enunciado.

Ficamos por aqui, pelas razões apontadas na introdução deste trabalho. Mas cabe lembrar que a análise pode ser ainda ampliada com o exame de outras categorias textuais, tais como a *intencionali-*

dade, a informatividade, a aceitabilidade, a situacionalidade e a intertextualidade, todas elas centradas no usuário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Soares. Texto e gramática. *In: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Anais*. Assis: UNESP, 1984. p. 122-130.

BERNÁRDEZ, Enrique. *Introducción a la lingüística del texto*. Madrid: Esparsa-Calpe, 1982.

BROWN, Gillian & YULE, George. *Discourse analyses*. Cambridge: University Press, 1983.

CAMPOS, Claudio. Gramática tradicional e gramática de texto. *In: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Anais*. Assis: UNESP, 1984. p. 88-90.

CAMPOS, Humberto de. *O Sonâmbulo*. *In: OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. Flor do Lácio*. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1958.

CONTE, M. E. *La lingüística testuale*. Milão: Feltrinalli Economica, 1977.

DUARTE, Inês Silva. *Mecanismos de estruturação textual*. *In: MATEUS, Maria Helena Mira et alii. Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. V. Critérios de textualidade. *Veredas*, São Paulo, (104): 17-34, 1984.

FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. V. *Lingüística textual: introdução*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FÁVERO, Leonor Lopes. Rediscutindo a coesão e a coerência. *In: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Anais*. Lorena, 1989. p. 320-328.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in english*. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore G. V. Elementos de coerência textual. *Boletim do Centro de Letras e Ciências Humanas*. Londrina, (13): 7-11, jul / dez. 1987.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPe, Série Debates n 1, 1983.

NEIS, Ignácio Antonio. Por uma gramática textual. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, (14): 21-39, jun. 1981.

SIQUEIRA, João Hilton Sayeg. *O texto*. São Paulo: Selimunte, 1990.